

O ESPOZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: A. Ciras.—Editor—José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão.—Typ. Espozendense—Espozende

Assinatura: Anno, sem estampilha 10500 esc.—Com estampilha e para fóra 12500 e c.—Brasil, (Moeda forte), 305000 rs.—Colonias Portuguezas, 255000 rs.—Numero atrasado 1500—Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha 1500 cent.—Anuncios particulares: linha 570 Comun. ou reclamaes, linha 550 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c.—Reclames e obras literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

* * * DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA * * *

TEOTONIO DA FONSECA

ESPOZENDE

Ao entrar a porta principal, do lado direito, vê-se metida na parede uma pedra com a seguinte inscrição:

—FOI ESTÁ CAPELLA RECONSTRUIDA EM 1893 BENZIDA EM 8 DE DEZEMBRO.

Do lado esquerdo, em frente á porta travessa que abre para a Praça Municipal, está a *Capela dos Mareantes*, de grande valor artistico, em boa talha doirada.

O tecto em abobada contem 12 quadros representando em escultura os doze profetas e nas paredes veem-se 6 quadros com pinturas em madeira, representando passagens da Paixão de Cristo, dignas de figurarem em um museu.

Não se sabe a epoca da fundação da Capela dos Mareantes, mas supõe-se anterior á da igreja, sendo reedificada em 1650.

Capela de São João, na rua do mesmo nome, de boa pedraria, tem na arquitrave da fachada, por baixo da Cruz que a encima, a data 1699.

Por cima da porta principal abre-se um oculo ou rosacea e ao lado esquerdo uma pequena sineira para um sino.

Dentro é forrada a estuque em forma de abóbada e tem um unico altar em talha simples.

Em frente a esta capela, do outro lado da rua, ergue-se um Cruzeiro de hastes redondas, tendo na base a seguinte inscrição: ANNO DE 1660.

Capelinha do Senhor dos Aflitos, no Largo dos Bombeiros Voluntarios, em frente ao edificio destes, é de diminutas dimensões.

Esteve um pouco mais ao sul e foi mudada para o sitio onde está ha poucos anos.

Capela da Senhora da Saude ao lado esquerdo da estrada n.º 4 de 2.ª classe de Espozende a Barcelos, é cercada de um ensombrado terreiro, onde se realisa em 15 de Agosto uma importante romaria.

A primitiva invocação desta capela era São Sebastião, depois passou para Nossa Senhora da Soledade e por fim Nossa Senhora da Saude.

Tem esta capela nas grades de ferro, que defendem a sua porta principal, a inscrição: «J. A. F. F. 1848».

Do lado esquerdo do templo junto á capela mór, está a sacristia e por cima desta na cornija da capela ergue-se uma pequena sineira.

Coroando a porta travessa do lado sul vê-se a imagem em azulejo de Nossa Senhora da Saude com a seguinte inscrição:

«N. S.ª da Saude de Espozende Salus infernorum Ave-Maria—300 dias de indulgencias a quem resar um padre nosso quatro Ave Marias e uma Gloria Patri diante desta milagrosa imagem».

Dentro a capela mór é forrada a estuque com altar moderno e o corpo da igreja tambem forrado a estuque tem apenas um altar lateral moderno, pulpito e côro.

O *Cemiterio Municipal*, construindo á margem da estrada de Viana ao Porto, já na freguesia de Gandra, tem sobre o seu portão a data de 1855.

A *Irmandade da Misericordia de Espozende* não vai além de 1595.

Por não ter templo proprio, celebrava os seus actos religiosos a principio na igreja matriz, mudando depois para a capela do Senhor dos Mareantes, cujas obras de reedificação ajudou em 1650.

Construida a sua actual igreja, mudou para ali a celebração daqueles actos religiosos.

A Irmandade da Misericordia tem sob a sua administração o *Hospital de São Manoel*, fundado em 1866 pelo benemerito desta terra Manoel Pedro de Faria.

(Continua)

O ATENTADO DA BARCA DO LAGO

Sobre este caso que tanto deu que falar nesta villa e a alguns jornaes, acabam os supostos criminosos de ser absolvidos no tribunal competente da cidade de Lisboa.

O pior cego...

...é o que não quer ver. E temos de afirmar, e temos de concordar, prezadissimos leitores que é preciso ser ceguinho de inteligencia para não se ver, claramente, nitidamente, insofismavelmente a diferença que existe entre o panorama português de ha nove anos e o de agora—a distancia que, na vida da nação, separa o ano de 1926 do ano de 1935.

Outrora, ha nove anos, em 1926—lutas de partidos, crise de autoridade, dificuldades financeiras, negociatas e cambalachos, a desordem nas ruas, o desânimo nos lares, a descrença nas almas, receios do dia de amanhã... Hoje—ordem, trabalho e prestigio, confiança no futuro!

A obra de Salazar, o autor de todo este sossêgo de viver, é magnifica, é digna, bem digna, de todos os auxilios, de todas as provas, de todos os sacrificios dos patriotas, porque Salazar—a mais brilhante, a mais gloriosa, a mais exemplar figura de português dos ultimos tempos—só tem um norte, só tem uma mira só tem um fim: a prosperidade e prestigio do seu e nosso querido Portugal!

Porque hão-de, então, teimar alguns, bem poucos, em não querer reconhecer a grandiosidade feliz dessa obra? Pobres cegos que não vêem, pobres cegos que não querem ver que ela é tão invulgar, tão gigantesca que até, já passou os apertados limites destes escassos oitenta e nove mil quilometros quadrados e foi, vitoriosa, fronteiras além, levantar, vibrante, a admiração, e lembrar, magnificante, o exemplo.

E vós sabeis bem, prezadissimos leitores, que não exageramos, porque é a imprensa estrangeira que vo-lo garante, dia a dia, em artigos entusiasticos de saudações—clarins, vibrantes, tocando a unir.

Vamos entrar no Ano X da Revolução Nacional! Agrupemo-nos todos, os bons, os leais, os sinceros portugueses em volta de Salazar, e coadjuve-

mos, de alma e coração, os seus heroicos esforços por Portugal, por um Portugal grande, independente, imorredouro!

Antonio do Nascimento

(Noticias do Sul)

VIAGENS NO MINHO

Espozende e Fão

Comentavamos Manoel Boaventura e eu, a obra literaria de Antero de Figueiredo.

Por fim, perguntou-me a-quele meu amigo:

—Já leu a «Senhora do Amparo»? Sabe quem é o P.e Liberato, a figura principal desse livro? Chaves Coupon... conhece?

Conhecia indiferentemente o padre Chaves, autor duns panfletos que de vez em quando circulam nas ruas de Braga em defesa da construção do porto de Fão; o capelão do Amparo, cujo perfil Antero maravilhosamente traça no livro que já li, esse, não sabia quem era.

Foi porisso, surpreendente para mim, a revelação de Manoel Boaventura, e interessante depois, o conhecimento pessoal desse curioso tipo.

Não sei se a outros acontecia ligarem a este caso importancia. Eu dei-lhá excepcional.

Quando leio os livros do divino Garrett, do erudito Herculano ou do genial Camilo, o meu desejo é conhecer os lugares que estes escritores descrevem por esse pais além; porque falam mais á minha sensibilidade; porque vibra mais intensamente o meu coração; porque os compreendo melhor.

Aos olhos de quem sente, esses lugares animam-se tanto como se tivessem em si a vida dos seres que por lá teceram seus apaixonados dramas de maldade, de desespero e de cólera, de piedade, de amor e de ciúme.

Se acontece vêr, e poder observar uma dessas figuras que os nossos autores coevos focam, então exulto.

Tendo M. Boaventura notado a minha visível impressão, disse-me depois:

—Hei-de apresentar-lho em Fão. Irá comigo e com o Abel Mendes que tambem o quer co-nhecer.

Esperei ansiado esse dia de passeio que se me afigurou ex-traordinariamente belo na com-panhia dum escritor distintis-simo, e de um artista que já tem o seu nome marcado em diversas exposições de pintura.

Além disso, acrescia a cir-cunstancia de ser este lado do Minho, campo fértil para for-ragear notas de viagem.

Determinamos para esse pas-seio o ultimo Domingo de Abril livre dos nossos deveres profis-sionais.

Chovêra. Da terra humida dos jardins da cidade, corria uma névoa que se alongava ren-te e subia dos montes circun-dantes para o ar, branca e mais leve, evaporando-se. Nas casas, os vidros das janelas rebrilharam como se alguém corresse mus-selinas para entre-mostrar in-teriores áquela hora sonolentos.

Levou-nos um «Fiat» da porta da Brazileira. Quanto mais nos afastavamos de Braga mais a névoa desaparecia ao longe. Barcelos, ao fundo, mos-trava a barra limpa.

Dobramos a estrada em Eira-dana e metemos para Palmeira do Faro onde A. Mendes esbo-çou uma janela da casa de M. Boaventura, ao lado de uma varanda de acentuado gosto re-gional, ornada de glicínias.

Em Espozende, esperava-nos Sá Pereira, o actual Presidente da Camara.

No largo principal da vila conversavam em grupos os que vinham saindo da missa na ca-pela dos Mareantes. Pelas ruas, eram raros os que passavam.

Sá Pereira informava projec-tos de reforma e aformoseamen-to até uma avenida por êle abe-rta para a beira-mar.

Depois de almoço na Pensão do Arco, voltamos á nova ave-nida e ao Cais da Barra.

Eu ia pensando silenciosa-mente no que Espozende e Fão deverão ser no dia em que Bra-ga preferir estas praias a todas as outras do Minho. Imaginava as duas ridentes vilas ligadas entre si pelos electricos desta cidade para passageiros, ou então por uma linha ferrea mais precisa para o tráfego. Povoava esta e outras avenidas, de casas baratas com jardins, e qualhava de gran-des navios o porto de Fão. Fan-tasiava as belas digressões da gente de Braga ás deliciosas al-deias que ficam no prolongamen-to do vale do Cávado até ao mar, e antevia esta região mais próspera e embelezada.

Assim entretida a imagina-ção nestes pensamentos deva-neadores, considerava por fim

que era para este lado de Espo-zende e Fão, apenas a 30 quilo-metros de distancia, que deviam convergir as atenções dos que de Braga, querem fazer uma ci-dade maior e melhor.

O que seria a nossa linda terra, se estabelecessem por ela meios rápidos de comunicação que servissem a provincia do Minho e a de Traz-os-Montes até ao seu unico porto?

(Continua)

Licenças de tabaco

De futuro, só aos estabele-cimentos classificados como ta-bacarias, quiosques, capelistas ou mercearias, é que serão concedi-das licenças para venda de taba-co.

Os interessados são obriga-dos a apresentar, nas repartições de Finanças, a licença camararia, a fim de, em face dela, ser veri-ficado se o seu comércio cor-responde á classificação acima indicada. As licenças a vende-dores ambulantes só são permi-tidas mediante apresentação de diploma expedido pela Inspecção Geral dos Tabacos, ao abrigo do n.º 14.º do artigo 1.º do decre-to n.º 14.843, de 4 de Janeiro de 1928.

S. Roque

Como aqui noticiamos reali-sa-se amanhã e segunda-feira, no pitoresco Largo de S. Roque a festividade ao patrono daquele lugar, prometendo este ano as festas ser muito luzidas.

Ha duas musicas, lindo fogo e iluminação, arraial e procissão na segunda-feira.

Novo estabelecimen-to

No ultimo sabado abriu nes-ta vila mais um novo estabele-cimento de fazendas, apresentan-do os mais finos e modernos padrões para a aprazível estação de verão.

Esta casa está sita na rua 1.º de Dezembro, junto á bar-bearia Sport.

«Diario de Noticias»,

O melhor jornal do paiz.

Vende-se na sua Agen-cia nesta vila.

—CASA HAVANEZA—

HAVANEZA

—DE—

Ramiro d'Almeida Cabral

Praça do Municipio

Unico depositario oficial no concelho da
COMPANHIA PORTUGUEZA DE TABACOS
e FOSFOREIRA PORTUGUEZA.

Os melhores descontos aos Senhores revendedores

Pestelaria, Vinhos do Porto e consumo; Papelaria.
Perfumaria fina e Valores selados.

Tabacos nacionaes e estrangeiros. Lotarias.

Nesta casa encontrará V. Ex.ª sempre frescos os autenticos e afamados

« PASTEIS DA CLARINHA »

Correspondente de Seguros.

Lampadas—LUMIAR—PHILIPS e COLONIAL

Alfaiataria Miranda

LARGO DR. FONSECA LIMA—ESPOZENDE

Tendo feito passar esta casa por uma grande transformação, e desenvolvendo assim o seu sortido em casimiras para fatos e so-bretudos de homem; casacos e vestidos para senhora, confecciona a preços sem competencia toda e qualquer obra.

Tambem, e ao alcance de todas as bolsas, acaba de pôr á ven-da fatos a vestir, desde 120 ESCUDOS.

GRANDES NOVIDADES

ULTIMA MODA

Alvaro Carvalho

Realisou-se nesta vila no ultimo sábado o enterro des-te nosso querido amigo, que conforme noticiamos faleceu na sexta-feira anterior em Coimbra.

Soubemos, que o acom-panhamento do feretro da casa onde faleceu até á Es-tação constitui uma grande manifestação de pesar, ven-do-se alem de centenas de estudantes numerosas pes-soas de alta categoria social.

Em Barcelos era a rica urna aguardada pelo Pronto Socorro dos nossos Bom-beiros Voluntarios que a conduziram para esta locali-dade tendo sido acompanha-do por muitos amigos. O fu-neral realisou-se pelas 19 horas saindo da Capela da Senhora da Saude onde ti-nha ficado a urna deposita-da sendo inhumado em jazi-go de familia.

Apesar do tempo inver-noso que fazia acompanha-ram os restos mortais do saudoso extinto numa verda-deira romagem de saudade as pessoas de maior desta-que desta localidade.

Acompanhou o cadaver desde Coimbra até esta vila seu filho mais velho Sr. An-tonio Carvalho, que se reti-rou no dia emediato para Coimbra.

Para toda a familia ano-jada, vai mais uma vez a ex-pressão sincera do nosso pe-sar, e que descance em paz quem em vida soube ser um frisante modelo de virtude.

Após padecimentos que a reteve no leito por algum tem-po, faleceu em Lamego a sr.ª D. Maria Augusta Lucena Coutinho, esposa do nosso velho amigo sr. Paulo Luce-na Coutinho, ex-tesoureiro da Fazenda Publica neste concelho, a quem por tão in-fausto acontecimento trans-mitimos os nossos mais sen-tidos pesames.

Artur Boaventura Rego

ESPOZENDE

ESPOZENDE

Queres ser bem servido?

Vai ao estabelecimento do Antonio Laranjeira
na rua Barão d'Espozende

Porto d'Abrigo em Espozende

Entrevista do «ESPOZENDENSE» com o illustre official de Marinha sr. Justino Herz.

A superioridade e vantagem deste porto: excelente situação geographica, falta de açoreamento e invencível resistencia. Profundidade e extensão. Superioridade sobre Leixões. A sua construção.

Cinco horas da tarde. Num hora irreprimível curiosidade, n'uma anciedade buscar a confirmação ao glorioso esforço da nossa propaganda lá vamos na boa camaradagem dos nossos illustres colegas do «Diario de Noticias» e do «Século». Há tempos, desde o verão, que nesta praia se encontrava o distincto official de marinha, sr. Justino Herz, ora só, ora em companhia d'outros illustres membros d'aquella briosa corporação.

S. Ex.^a fazendo parte da missão encarregada dos estudos hydrographicos da costa norte de Portugal, tinha a incumbencia especial de dedicar-se muito designadamente ao cuidadoso exame e observação dos «Cavalos de Fão».

A nossa propaganda tenaz e continua, produzia já estes optimos fructos junto do Ministerio da Marinha. Por isso era que n'essa tarde de asperissimo dezembro, ao lento reclinar do sol n'um coxim todo de nuvens de ouro e purpura, lá vamos entrevistar no Hotel Vilarinho, o illustre primeiro tenente de marinha, sobre as impressões e conhecimentos que tal estudo lhe deixára.

Ninguém, pois, mais proficiente do que ele para elucidar tão momentoso assumpto. Aliando uma robusta intelligencia e competencia tecnica, á mais ordenada e pertinaz vontade de trabalho, o que ele sobre tal questão dissesse, assumiria o alto valor duma abalisada opinião e dum criterioso julgamento num pleito para alguns septicos ainda a derinir.

Fomos encontrar-o junto da larga prancheta em que se desenrolava a planta do trecho do littoral compreendido entre Marinhãs e a Apulia, de que por concessão especial publicamos juntamente um elucidativo extracto.

Como préviamente lhe tinhamos feito constar a grande vontade de o ouvir, após a nossa apresentação abordamos logo o assumpto que ali animadamente nos trouxera.

A' primeira pergunta feita, sobre a excellencia e superioridade dos molhes dos «Cavalos» para a construção d'um porto, S. Ex.^a com uma convicção manifesta nos diz: «Mas são optimos esses rochedos para servirem de base a um amplo porto de abrigo. A sua extensão conforme se vê nesta, não é diminuta, nem desproporcional; e ligando a *Queixada* aos *Moinhos* estava completado um indelevel paredão com extensão de 1.200 metros que por si só transformaria os «Cavalos» n'um magnifico porto».

—«Mas a situação d'elles em relação á costa vamos a atalhar...»

—«Oh! essa é até uma das mais admiráveis disposições que a Natureza deu a essa restinga de rochedos para ser um porto d'abrigo. A sua situação na linha sudoeste precisamente d'onde surgem as mais violentas tempestades d'este ponto da costa, é a que por força mais vantajosa pode ser para o abrigo dos navios acossados pelo mau tempo».

—«Além d'isso, vamos nós avançando, a sua boa situação sob um ponto de vista em que nós, os *trigos* alguma coisa podemos dizer, ha-de provir também do facto de se encontrar entre os dois grandes e distanciados portos de Lisboa

e Vigo, não é verdade?»

—«Sim este pormenor também influe na necessidade que há da construção do porto nesta parte do litoral. E porto de abrigo de tal ordem que com as duas magnificas comunicações com que ficavam ao norte e ao sul qualquer barco com todo o tempo o poderia demandar».

—«V. Ex.^a conhece decerto um projecto que foi publicado, com o alvitre da deslocação da foz do Rio Cavado em direcção ao porto dos Cavalos; haveria nisso vantagens?»

—«Não; desvantagem é que desse facto surgiria, pois passava esse porto a correr o risco de ser assoriado pelas areias que a corrente das marés trouxesse; risco porém, que o porto assim como está não corre, nem virá a correr desde que não faça mais do que lizar os rochedos da *Queixada*, *Cavalos*; e *Moinhos*. O açoreamento é o grande perigo a evitar. Leixões lucha desgraçadamente com elle em virtude do grande fluxo e refluxo das marés que o invadem; ao passo que nos *Cavalos* não ha por que ter esse receio.

—«E esse porto que se construisse poderia com a solidez dos seus alicerces?»

—«Pois não!? A atesta-lo basta vêr a enormeidade de anos e a impossibilidade com que esses rochedos estão fazendo frente ás furias do mar. E o paredão sobre eles construido, sem uma solução de continuidade a enfraquecer-lhe o apoio, precisamente ao contrario do que presumo acontecer com os molhes de Leixões seria um dique sem rival ás ameaças do Oceano, como já hoje o é na *baixa-mar*».

—«Então na maré alta os rochedos são por completo submergidos?» opõem-nos.

—«Não bem ao contrario; a *Queixada*, os *Cavalos* e os *Moinhos* não deixam nunca de ostentar a descoberto as suas cristas eriçadas, apesar do mar mais alto.

E' certo que a sua maior porção nas marés vivas fica coberta quasi totalmente, sem que isso seja menosprezo por esse gigantesco dique tão sabiamente construido.

Olhem, por exemplo, a *Queixada*: aqui posta como guarda avançada na titanica luta contra as ondas, é digno de vêr-se o vasto quebra-mar com que ainda ficaria depois de se construir o paredão no seu bordo interno. Além de que essa potente resistencia que bem é precisa pela larga exposição desse rochedo ao sul, poderia ainda ser accrescida com grandes blocos arremessados a granel na face externa.»

—«De forma que», concluimos nós, «paredão em parte já feito, alicerces em parte lançados, já tem o porto dos Cavalos. Terá ele, porém, a profundidade equivalente á riqueza que nos restantes elementos naturaes possui?»

—«Não tem uma profundidade demaziada, mas a que basta para os navios que poderão demandar esse porto; regula ela em média por uns 10 metros, sendo constituido o fundo da ampla bacia por pedra e areia entre os *Cavalos* e a *Cernelha* e só areia entre esta e a praia. Os pescadores da região e entre eles os que me tem transportado diariamente ao porto dos Cavalos, dizem-me que as *poitas*, as ancoras dos seus barcos, sempre ali encontram firmeza.»

—«E é verdade notar-se sempre uma certa bonança dentro dos limites dos «Cavalos» embora haja mau tempo?»

—«Realmente os maritimos affirmam isso; mas tenho notado que com os temporaes de sudoeste, o que não é para extranhar a placidez desta bahia agita-se, as ondas galgam as agudas escarpas dos rochedos, mal que desapareceria por completo alteando-se um

pouco todo esse rudimentar paredão».

—«Por tolas estas razões andaremos longe da verdade quando affirmarmos a superioridade dos «Cavalos» a Leixões?»

—«Não; não exprimem mais do que a verdade».

Não faço ideia do que seriam os baixios de Leixões antes de se construírem os molhes que hoje ali vemos, senão pela descrição que deles ouço. Mas isso leva-me a afirmar a sua indiscutível inferioridade aos *Cavalos*. Actualmente concluindo-se aqui o paredão, os *Cavalos* teriam a superioridade de possuírem duas amplas entradas, ao passo que Leixões apenas uma possui, e essa as vezes só praticavel com bom tempo.

Além disso é sobejamente conhecida a falta de segurança e abrigo que Leixões oferece.

Não exagero, pois, dizendo que há uma grande vantagem, mesmo uma certa necessidade em adaptar os «Cavalos de Fão» a um excelente porto de abrigo. Bem preciso é na nossa costa. Seria ele o refugio de tantos barcos de pesca, d'esses numerosos navios de cabotagem por vezes acossados inclementemente pelas traições dos vendavais».

—«E poderiam abrigar-se muitos barcos—navios ou vapores n'esse porto dos «Cavalos»?»

—«Não digo que lá coubessem todas as esquadras da Europa, como pitoresca e entusiasmamente exclamou alguém; a bacia do porto não seria mesmo d'uma tão larga extensão que desse guarida a grandes flotilhas».

No entanto seria duma largura regular e sufficiente, como pela propria planta se vê, em relação ao movimento e numero de navios que fazem navegação pela nossa costa.

E quando se pensa que muitas vezes os temporaes de sudoeste lhes fecham todos os portos d'esta região; resalta bem nitida a necessidade de um posto d'abrigo nos *Cavalos*. E' uma obra necessaria, mesmo em nome dos principios humanitarios, em nome de protecção que a laboriosa classe piscatoria merece no meio das desgraças com que lutam.»

—«Mas... ha sempre o *mas*, fatal, a rebentar como uma bomba—a conclusão deste porto ficaria muito dispendiosa?»

—«Olhem, a isso não posso responder com verdadeiro conhecimento visto não ser engenheiro; mas atendendo á obra aqui a realizar, que se limita a completar o que já está indicado e quasi feito, deve gastar-se bem pouco em relação com o que tem sido gasto em Leixões».

E' certo que é preciso construir-se bem, para que não haja depois o risco das derrocadas, e a tudo isso convém atender n'uma obra que se deve fazer para durar, e não para remediar.

E os *Cavalos de Fão* assim aproveitados, como devem ser, e do que são dignos, virão a construir-se talvez em breve espaço de tempo um excelente porto d'abrigo nacional.

Estavam terminadas as nossas perguntas, e com as elucidativas e firmes respostas do nosso illustre entrevistado, satisfeita a nossa curiosidade, confirmadas as palavras que desde o principio d'esta campanha temos vindo dedicando em prol da justiça e do direito dos *Cavalos de Fão*.

O depoimento insuspeito e documentado dum tão distincto conhecedor deste porto, vem assim publicamente enfileirar-se ao lado do igualmente abalisado parecer do illustre officia da armada, sr. Almeida Lima.

A onda crescer, e a razão acabará por triunfar. A indiferença publica postergada pouco a pouco a golpes de clareza e de verdade, vae dando lugar á

importancia do assumpto na economia e nos interesses nacionais. E por isso foi que por aquela tarde de inverno em que acabamos de ouvir a voz insinuante e persuasiva do illustre 1.º tenente da armada mais nos sentimos encorajados para continuar a propáganda ha um ano aqui encetada neste modesto prélo primitivo e rude, como rudé e sincera a pena que a faz gemer.

Nisto tudo pensamos ao despedirmo-nos do snr. Justino Herz, reconhecidos pela forma gentil e fidalga com que por ele fomos tratados.

E ao sahirmos para a rua, avistando ali, junto á costa, num irrisado clarão de luz e de oiro, o magestoso ocaso do sol, ninbando n'uma brilhante apoteose as glaucas sinuosidades dos Cavalos tivemos a visão fugaz e estonteante do triumpho proximo da nossa causa, da causa nacional, que é a construção d'um porto d'abaigo nos «Cavalos de Fão», junto a Espozende

Dezembro de 1913

«O Espozendense»

Vinho nutritivo de carne

O melhor e o mais recomendado pela Medicina, como tónico reconstituinte, levanta as forças dá robustez, e é empregado com êxito por todos os convalescentes

A venda em todas as Farmacias e Drograrias

DEPOSITO GERAL.

Farmacia Franco, Filhos

Rua de Belem — 18 a 22 — LISBOA

EXCURSIONISTAS FRANCEZES

Em passeio promovido pelo Automovel Clube Pérégot, passaram nesta vila na ultima segunda-feira, com direcção a Braga, muitos excursionistas francezes, homens e senhoras, que visitaram aquella cidade demoradamente e com muito interesse os seus monumentos, seguindo depois para a formosa estancia do Bom Jesus do Monte a cujas belezas teceram os maiores elogios.

Dali seguiram para o Porto donde partem para Coimbra e Lisboa afim de assistirem ás Festas da Cidade.

Queres bons perfumes ?

Val á HAVANEZA

AO FUNCIONALISMO PUBLICO DECLARAÇÕES

Portaria n.º 8:127

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Presidente do Conselho:

1.º Que se adoptem, para execução do artigo 3.º da lei n.º 1.901, de 21 de Maio de 1935, os modelos anexos a esta portaria. O modelo n.º 1 servirá para a declaração dos funcionários ou contratados quando a assinatura for feita perante o chefe do respectivo serviço, o modelo n.º 2 para os que pretendem ser providos por nomeação ou contrato em qualquer cargo publico, sempre que a assinatura do requerente seja feita perante o chefe do serviço encarregado da organização do processo de admissão; e o modelo n.º 3 para o caso de o funcionario ou requerente ao lugar publico não prestar a declaração por termo na presença do chefe de serviço.

2.º Que os officiaes de terra e mar façam as declarações perante o respectivo superior hierárquico immediato, quando usarem da declaração modelo, n.º 1, as quais serão entregues nas unidades, navios ou estabelecimentos onde prestam serviço.

3.º Que os funcionarios que se encontrem em comissão de serviço ou licença, fora das repartições, quer no continente e ilhas, quer no estrangeiro ou colonias, onde prestam serviço e o serviço acidentalmente, apresentem as respectivas declarações logo que regressem ás suas repartições.

4.º Que os funcionarios na situação de adiões sem vencimentos, de licença ilimitada ou de inactividade só sejam obrigados a fazer a declaração quando requerem o regresso ao serviço ou a ele forem mandados regressar.

5.º Que os aposentados entreguem as declarações no cofre por onde recebem a pensão sendo aquelas enviadas á Caixa Geral de Aposentações, ou ao Ministério respectivo quando se trate de caixas especiais de aposentação.

6.º Que os funcionarios que se encontram fisicamente impossibilitados de prestar a declaração a façam logo que cesse o impedimento devendo os seus representantes justificar a falta da declaração.

7.º Que as declarações sejam incorporadas nos cadastros dos respectivos funcionarios, devendo para isso as repartições onde forem entregues, quando nelas não existirem arquivados os processos a que respeitam, enviar-las ás Secretarias Gerais dos Ministerios a fim de lhes ser dado o destino conveniente.

8.º Que os funcionarios aguardando aposentação ou com aposentação provisoria apresentem as suas declarações nos serviços por onde percebem os vencimentos.

9.º Que as declarações dos que já são funcionarios sejam feitas em duplicado, devendo em um dos exemplares ser aposto o visto do funcionario a quem foi entregue ou perante quem foi feita a declaração e restituído ao declarante.

10.º Que os funcionarios que não tenham superior hierárquico nas localidades onde prestam serviço, hem como os aposentados, reformados ou na situação de reserva quando não estejam ao serviço, usem do modelo n.º 3.

11.º Que os exemplares das declarações dos individuos que já são funcionarios civis ou militares não carecem de selo, devendo ser selado, com a taxa legal, o exemplar dos que pretendem nomeação ou contrato.

12.º Que as declarações ou termos só tenham validade quando constem dos modelos fornecidos pela Imprensa Nacional.

13.º Que esta portaria substitua a portaria n.º 8.115, de 27 de Maio de 1935, expedida pelo Ministerio da Justiça.

Presidencia do Conselho, 5 de Junho de 1935. — O Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar.

COLEGIO FRANCO-LUSITANO

Excursão dos alunos

No dia 27 de Maio ultimo um grupo de 22 alunos do Colegio Franco Lusitano, acompanhados pela Ex.ma Directora e Professoras realisaram uma excursão de estudo e recreio a varias terras do Norte.

Segundo informos colhidos soubemos que visitaram Famalicão, S.to Tirso, Negrelos importante centro industrial, visitando aí a fabrica de tecidos Rio Vizela, com cerca de 3000 operarios em laboração merecendo esta visita especial atenção aos alunos. Depois desta visita seguiram para Lordeo onde almoçaram ao ar livre.

Findo o almoço e no meio da maior alegria e entusiasmo dirigi-

ram-se para Vizela onde apreciaram as belezas do lindo Parque daquela localidade.

Visitaram em seguida Guimarães e na velha cidade do nosso primeiro Rei admiraram o velho Castelo, o Museu e a linda e tradicional Igreja de Nossa Senhora da Oliveira onde se podem apreciar lindissimas alfaias de célebre antiguidade. Já de regresso visitaram a Falperra onde merendaram passando depois pelos pitorescos logares do Sameiro e Bom Jesus do Monte, admiráveis miradoiros de deslumbrantes panoramas.

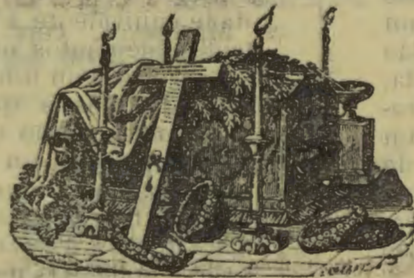
Com bastante pesar de todos, não poderam demorar-se em Braga visto o adiantado da hora, apenas apreciando de vult o aspecto imponente da velha cidade dos Arcebispos. Este passeio, que foi realizado na camionete PEROLA DE ESPOZENDE, decorreu sem incidente algum regressando os alunos ás 22 e 30 no meio do maior entusiasmo e alegria com saudades das horas agradáveis que passaram através do nosso Minho pitoresco e que ficam para sempre na memoria dos pequenos.



Agradecimento

Manuel José Pimenta Dias e familia, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam os funerais ao cemiterio desta vila sua sogra, Maria das Dores Moreira, casada; natural desta vila e o confortaram com palavras de enternecido reconhecimento por esse momento, protestando a todos a sua eterna e reconhecida gratidão.

Espozende, 5 de Junho de 1935.



Agradecimento

A familia de Fernando Pereira Evangelista, falecido recentemente nesta vila, vem agradecer, por este meio, a todas as pessoas que a confortaram

durante o doloroso transe, prestaram serviços e acompanharam ao cemiterio municipal o cadáver do saudoso extinto.

Podendo haver qualquer lapso na forma de retribuir a todas as pessoas que lhe enviaram cmprimmentos de condolencias, fá-lo tambem por esta forma, testemunhando-lhes a sua publica gratidão.

Espozende, 14 de Maio de 1935.

Comarca de Espozende

DIVORCIO

(2.ª publicação)

Para os efeitos do art. 19 da Lei do Divorcio, anuncia se que, por sentença de 6 de Maio corrente, que transitou em julgado, foi decretado o divorcio entre os conjuges Américo da Silva Lage, e Ernestina Augusta de Sá Oliveira, da freguesia de Mar.

Espozende, 22 de Maio de 1935.

O juiz de Direito,
J. Cámeira.

O Chefe da 3.ª Secção,
Antonio Viana de Vilas Boas.

Pilot RADIO Prquê?

Recebe maior numero de estações. Tem melhor sonoridade. O material «PILOT» é conhecido pelos grandes amadores da T. S. F. como do melhor que se fabrica.

É a marca que vem sendo preferida pelo Corpo Diplomático, Ministros, Officiaes do Exército e Marinha, Magistratura, Alto Comercio e Industria.

É uma marca com 25 anos de existencia e outros tantos anos de aturadas experiencias.

SEJA PRUDENTE

Não compre telefonia sem ouvir «PILOT»
Modelos para 1.200\$00 —
1.650\$00 — 1.950\$00 —
2.050\$00 — 2.650\$00 —
2.800\$00 — 3.900\$00 —
3.950\$00 e 5.950\$00

Agente:

JOSE OLIMPIO BARREIROS
RUA DE S. FRANCISCO, 34
BARCELOS